

A AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE NA DESCRIÇÃO DE PERFIS NO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO GRINDR: UMA PRÁTICA DISCURSIVA

Affirmation of Masculinity in the Description of Grindr Profiles: A Discursive Practice

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-16

Danilo Henrique Rodrigues Aragão*

RESUMO: Por se tratar de espaços de enunciação, analisar uma rede social abre espaço para o estudo pelo qual se interpelam, criam e ressignificam modos de agir no mundo. Problematisa-se o Grindr sob a perspectiva de que sua finalidade está voltada exclusivamente para relações homoafetivas, mas há enaltescências de traços físicos e comportamentais em textos de apresentação dos perfis analisados. Percebeu-se uma regularidade voltada à manifestação de uma afirmação da masculinidade ligada à negação do feminino e à preservação de sua face por meio do sigilo. O Grindr suscita a perpetuação de discursos e das práticas sociais segregadoras, estabelece formas de produção, difusão e consumo desses discursos que valorizam uma dita masculinidade. Essa prática discursiva presente na rede funciona como ferramenta de omissão da homossexualidade, inferiorização da feminilidade, estigmatização de gays e manutenção da autoimagem do homem hétero que perpassa a afirmação de uma masculinidade em si e no outro.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Grindr. Prática discursiva. Feminilidade.

ABSTRACT: When dealing with places of expression, analyzing a social network opens up paths for the study of questions that creates and re-signifies ways of acting in the world. This study problematizes Grindr from the perspective that it might be exclusively focused on same-sex relationships, but it also praises particular physical and behavioral traits in its profile texts. A regularity was noticed that placed masculinity in a link with the denial of the feminine and the preservation of faces through secrecy. Grindr encourages the perpetuation of segregating discourses and social practices, establishing forms of production, dissemination and consumption of these discourses that value the so-called masculinity. This discursive practice on the social network acts as a tool for omitting homosexuality, demeaning femininity, stigmatizing gay men, and maintaining the straight man's self-image that permeates the affirmation of masculinity in themselves and in others.

KEYWORDS: Masculinity. Grindr. Discursive practice. Femininity.

* Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará. Mestrando em análise linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras-UFPA. ORCID: 0009-0007-7823-6987. E-mail: Danilo.aragao(AT)ilc.ufpa.br

1 Introdução

Com a revolução técnico-científico-informacional, mais especificamente com advento da internet, muitas ferramentas de comunicação passaram a fazer parte do cotidiano da população. Essas deram suporte a um espaço que se tornou de amplo acesso, permitindo a discussão intensa sobre diversas temáticas, expressas as situações concretas de enunciação, interação e produção de sentidos, em um rico e complexo funcionamento discursivo. Além disso, as interações entre as pessoas se tornaram diferenciadas em decorrência da velocidade no fluxo de informações por meio das redes sociais, por exemplo, alcançando, assim, um público maior em pouco tempo.

Por tratar-se de espaços de enunciação, as redes sociais permitem que os sujeitos se manifestem por meio das publicações, comentários e pelas descrições de perfis que são suporte às materialidades discursivas, considerando-se que o sujeito está inserido em um contexto histórico e social, ocupando certos espaços que mobilizam uma posição ideológica por meio dos discursos a que se filia.

Desse modo, compreende-se que as redes sociais de comunicação se configuram como um terreno fértil para a análise dos discursos, de forma a compreender as relações entre os enunciados e os sentidos veiculados por eles, haja vista que, para Foucault (2008), os discursos não são isolados, existem como dispersão, fato este que possibilita a investigação da interação entre os sujeitos usuários das redes e os sentidos construídos em textos nessas plataformas.

Considerados como espaços privilegiados para a análise das manifestações discursivas, os perfis de usuários do site de relacionamento Grindr serão tratados como dados aqui, com base em referências teóricas da AD de corrente francesa. Orlandi (2014) considera a ideologia como a apreciação do sentido mediada pela relação da linguagem com a historicidade, matéria da contradição e do equívoco, em suas construções imagéticas, fazendo imprescindível estabelecer a relação discurso e ideologia na construção de enunciados que tratem sobre a constituição de gêneros sociais.

Sobre essa relação entre ideologia e sujeito, pode-se entender também como prática de um modo de operação no mundo, em outras palavras, a manifestação do sujeito no mundo encontra-se em posição de assujeitamento por uma dada formação pré-determinada que filtra

o seu dizer. Dessarte, a superfície discursiva resulta da materialidade discursiva pela qual manifesta-se a posição ideológica do sujeito

Posto isso, faz-se importante em uma análise não se ater somente às realidades textuais, ainda que estas sejam um produto do trabalho ideológico, mas também ao aspecto organizacional e de interação entre os sujeitos dentro dos grupos que geram e gerem os discursos (Maingueneau, 1997). As práticas sociais são modeladas pelos discursos e elas são dotadas de um caráter discursivo, por isso Foucault (2008) propõe a busca por regularidades para as diversas posições de subjetividade.

Por esse viés, ter como objeto de análise um campo virtual de interação abre espaço para o estudo pelo qual se interpela, cria e ressignifica modos de agir no mundo. Isso convoca os sujeitos a seguirem certas condutas as quais impactam os seus corpos, concepção que Grohmann (2016), citando Foucault, diz enquadrar-se em convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais. Tal acepção também dialoga com a noção dos discursos circulantes proposta por Chauradeau (2006), devido à relação dos sentidos e valores direcionados à definição do ser em sociedade com fins de instituição de poder e contrapoder.

Nesse contexto, problematiza-se o espaço da rede social Grindr na existência de convocações para uma afirmação da masculinidade como atrativo para relações entre os usuários. Tal questionamento parte da reflexão de que, em um mundo contemporâneo, discussões sobre igualdade e identidade de gênero tornam-se pautas importantes em lutas dos movimentos sociais, todavia, práticas discursivas confrontam as discussões quando favorecem a adesão de comportamentos que privilegiam certos grupos, em especial aqueles que exaltam características masculina heteronormativa, branca e cristã.

Também se provoca essa temática ao pensar em como um aplicativo de relacionamento voltado exclusivamente para relações homoafetivas valoriza traços físicos e comportamentais do macho por meio dos textos de apresentação dos perfis dos usuários. Isto posto, é necessário pontuar que essa valoração do macho também constitui a matriz de práticas homofóbicas e sexistas que outrora são reproduzidos nos discursos daqueles que também sofrem com essa mazela.

Assim, é válido investigar as interações por meio dos textos de apresentação no Grindr, ao se propor aos usuários um espaço em que se viva a sexualidade de certa forma autônoma e

com segurança, haja vista que a vivência homoafetiva em público está sujeita a violências físicas, psicológicas e simbólicas. Essa, por sua vez, torna-se mais evidente no estudo do Grindr, pois “a violência simbólica é aquela que acontece através da linguagem, das imposições discursivas” (Recuero, 2012, p. 240). Portanto, a finalidade de uso do aplicativo e os discursos veiculados podem oferecer divergências, ao passo que se buscam relações afetivas e sexuais, porém, algumas relações estão condicionadas a traços masculinos que são afirmados e reafirmados pelos usuários, tanto na apresentação de si quanto do outro que se busca.

2 A afirmação da masculinidade como prática discursiva

Neste trabalho, preocupa-se em analisar a descrição dos perfis de usuários do aplicativo de relacionamento Grindr, especificamente os enunciados que se relacionem com os discursos de afirmação da masculinidade, pois objetiva-se interpretar os enunciados na construção de um procedimento que exponha os níveis “opacos” na enunciação (MAINGUENEAU, 1997). Trata-se, portanto, de observar regularidades e as condições de produção em que um sujeito se constitui na enunciação no campo virtual da internet.

Esses discursos correspondem a uma prática discursiva ligada a condições que possibilitam sua existência e essas se dão em campos os quais emergem nos discursos as possibilidades de os sujeitos exercerem o poder e sofrerem com as ações dele. Maingueneau (2008) trata o discurso mobilizando outros aspectos que são essenciais para este estudo, definindo-o como “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (Maingueneau, 2008, p. 15). Tal premissa nos ajuda a buscar a compreensão dos mecanismos que encadeiam uma prática discursiva relacionada aos discursos de afirmação da masculinidade na descrição de perfis no aplicativo de relacionamento Grindr.

Tratando-se das práticas discursivas, Maingueneau (2008) observa que as definições de formação discursiva e comunidades discursivas estão imbricadas na constituição de uma prática discursiva. O referido autor aborda a comunidade discursiva a partir de restrições e do funcionamento do que é dito pelo sujeito no ato da enunciação. Nesse sentido, ao utilizar as redes sociais como mecanismo de interação, os interlocutores assumem papéis discursivos

determinados em grupos sociais com interesses comuns, organizados por regras de relação que dizem respeito ao modo de viver e agir no mundo (Maingueneau, 1997).

Considerando que o sujeito fala partindo de um determinado lugar social que o constitui enquanto sujeito, o que é enunciado acarreta sentidos derivados de uma formação discursiva, a qual materializa a posição ideológica do sujeito. Logo, em um conjunto de enunciados, há um encadeamento de uma visão dada a um objeto, formada e enunciada a partir de uma situação socioideológica do que deve e pode ser dito, gerando o efeito de sentido vinculado ao enunciado (Maingueneau, 2008).

Uma legitimidade é dada por meio do filtro dado pela formação discursiva no ato da linguagem, a vocação enunciativa, assim o sujeito enuncia e age com autoridade. Porém, Maingueneau (2008) chama a atenção para a possibilidade de haver conflitos, haja vista uma mesma comunidade, que também legitima o dizer do sujeito, possuir diversas formações discursivas que ora podem convergir, ora podem dispersar.

O discurso de afirmação da masculinidade é analisado pela perspectiva da inclinação ao campo organizacional que transcende a fala ou, no caso da rede social, uma simples descrição do perfil, considerando-se que muitos efeitos de sentido nos discursos mobilizados nos SRS (sites de redes sociais) não são apenas informações, mas “tentativas de organização social; não é um produto, é um processo” (Moura, 2018, p. 13). Desse modo, refirma-se que o discurso não é apenas linguístico, é histórico e social.

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1980) quebra a lógica existencialista que estabelece que os indivíduos são diferentes biologicamente e, por isso, Beauvoir desenvolve seu pensamento argumentando que "Nenhum destino biológico, psíquico ou econômico determina a forma como a fêmea humana se apresenta na sociedade; é a civilização que cria esse produto intermediário entre o macho e o castrado que os denominam femininos" (Beauvoir, 1980, p.8), Sendo assim, pensar nas ações humanas sem distinção de gênero nos leva a questionar como a sociedade molda aqueles que devem se enquadrar na estrutura social hierárquica, em que o poder determina a supremacia de um sobre o outro e a diferenciação de gênero é uma das formas de dominação.

Nolasco (1993), em seu livro “O mito da masculinidade”, afirma que o feminismo contribuiu para a criação de um movimento que aborda a masculinidade não somente como

uma oposição à feminilidade, mas pensar que a masculino resulta em mutilação da formação masculina. Assim, há as limitações que são criadas aos gêneros, na esfera social, o homem ocupa o lugar de opressor, devido ao poder que lhe é dado pela condição biológica, mas também é vítima do sistema que requer dele um comportamento. Dessa forma, é relevante notar que o "ser homem" é dada pela formação social, cuja história instituiu um status de domínio na hierarquia social, haja vista as normas culturais e sociais têm um papel fundamental na definição do que é considerado "masculino" em uma determinada comunidade.

Ao questionar a masculinidade, devido à crise e as críticas ao modelo social patriarcal, em que a identidade era construída a partir da ideia de masculinidade, outras identidades masculinas começaram a ser compreendidas. Portanto, chamamos a atenção para o fato de que nos séculos anteriores existia uma masculinidade inquestionável, mas o fato é que a masculinidade hegemônica "representa a estrutura de poder e das relações sexuais" e que exclui a variabilidade do comportamento masculino observada no exterior forma desejável (Oliveira, 1988, p. 14), tomou conta das relações sociais.

3 A interdiscursividade

É fundamental ponderar o processo de produção dos enunciados sob uma óptica não individualmente constitutiva, mas um processo de elaboração que conta com outros atores, como os interlocutores, o contexto, o meio de circulação e as coerções externas. Deve-se, portanto, considerar a mobilização de uma engrenagem discursiva, em que os efeitos de sentido também emergem por intermédio de uma relação no interior interdiscursivo. Essa relação dialógica discursiva entre os enunciados é materializada na sociedade em um entrelaçar dos ditos anteriormente situados em outros espaços sociais e históricos (Maingueneau, 2008). O primado do interdiscurso preside essa existência mediante o outro, que, em *Gênese dos discursos*, Maingueneau (2008) propõe a acepção do interdiscurso sobre uma tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Com base nesta tríade, a qual sustenta a noção de interdiscursividade, o autor considera como campos discursivos um conjunto de formações discursivas, em uma dada região do universo discursivo, as quais se encontram em relação de concorrência e delimitam-se reciprocamente, cujos espaços são essenciais para a formação dos discursos; espaços de

embates que em dadas circunstâncias encontram-se ora em forma de aliança, ora em forma de neutralidade (Maingueneau, 2008).

Nessa conjuntura, o teórico francês lança mão da noção de espaço discursivo configurado como subconjuntos de formações discursivas cujo analista julga ser relevante pôr em relação considerando seu propósito. O trabalho com espaços discursivos permite ao analista realizar recortes a partir de hipóteses erguidas sobre o saber do texto e a história deles, que possivelmente poderão ser confirmadas ou negadas.

A formação discursiva a que o sujeito se filia determina a constituição do seu discurso no interior interdiscursivo, considerando-se que uma formação discursiva não se concebe como um bloco compacto, apenas se apropriando dos outros discursos; todavia, constitui-se em uma perspectiva “heterogênea por si mesma”, como afirma Orlandi (1991). Dessa forma, o caráter dialógico de todo e qualquer enunciado do discurso torna indissociável a interação entre os discursos, a qual se dá por via de um funcionamento interdiscursivo (Maingueneau, 1997). Eles são assumidos em um interdiscurso, os quais adquirem sentido no interior de cada campo/espaco discursivo, os enunciados são interpelados na sua ligação com os outros, o que promove diversas relações.

O discurso não se constitui somente de uma unidade de análise, mas sim os “espaços de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008). Assim, a materialidade discursiva permite observar os efeitos de sentido gerados na constituição da descrição de perfis em redes sociais, a qual, como já refletido, é condicionada pelas normas que integram as diversas formações discursivas que não são concebidas como um “bloco fechado”, tais quais os textos e seus efeitos de sentido.

4 A rede social e o discurso de afirmação da masculinidade

As redes sociais apresentam uma dinâmica que altera as relações sociais decorrente da hiper conexão entre os usuários, com isso, essas ferramentas influenciam nas práticas sociais e, conseqüentemente, nos modos de espalhamentos dos discursos entre os grupos sociais (Recuero; Soares, 2013). Nesse contexto, Recuero (2012, p. 243) diz que

Estudar o discurso on-line é estudar a linguagem em uso e a construção de sentidos em ambientes diferentes, mediados e apropriados. E essas apropriações também podem gerar comportamentos diferentes, inclusive violentos e hostis, como a reprodução de formas de agressividade on-line.

O Grindr é uma das redes sociais mais utilizadas, em especial por homens homoafetivos, pelo seu objetivo de encontros sexuais ou afetivos e as influências dele nos comportamentos discursivos, por mais que estejam dentro de um campo virtual, não deixam de hierarquizar disputas ligadas a classes sociais, gênero, raça e sexualidade no ambiente físico real (Recuero, 2012). Por esse motivo, o estudo de uma rede social é de suma importância para análise do discurso, pois a rede social, segundo Recuero (2013), permite uma dinâmica cujos discursos são produzidos, reproduzidos e reafirmados, à medida em que, nesses ambientes virtuais, são veiculados discursos que fomentam comportamentos individuais propagados como os ideais a serem seguidos, como uma espécie de coerção produzida mediante a autoidentificação dos discursos veiculados nas redes sociais.

A utilização do Grindr como lócus deste estudo dá-se por entender que os SRS se configuram um meio de intensa interação, por onde os discursos sustentam a possibilidade de sentidos. Essa relação recíproca, por sua vez, é estabelecida entre os usuários previamente, quando eles selecionam perfis para interagir condicionados pela descrição prévia que há neles, em seguida realizam a ação de “curtir” o perfil que lhes interessa. Esse percurso interativo permite inferir que os usuários pertencem às mesmas comunidades à medida em que os enunciadores produzem e interpretam os enunciados a partir de suas formações discursivas, classificando-as como compatíveis/incompatíveis quando selecionam possibilidades oferecidas para interação segundo a formação à qual se filiam (Moura, 2018).

Nesta rede, objetiva-se estabelecer relações afetivas e sexuais que são filtradas por meio das preferências físicas e sexuais descritas nos perfis dos usuários. Assim, caso o usuário tenha afinidade com as descrições feitas, o site possibilita o recurso de reagir de forma positiva ao perfil selecionado, e o outro interlocutor pode reagir novamente, caso tenha a mesma adesão. A problemática que aqui é apresentada consiste na busca de um ideal masculino social e historicamente construído, ainda que se trate de um site no qual os usuários, em sua maioria, sejam homossexuais, é dada preferência para possibilidades de encontros aos perfis com traços masculinos que foram construídos durante a história e que ainda hoje são valorizados, o que implica a estigmatização e desvalorização que não performem uma masculinidade instituída pelas instâncias heteronormativa.

4.1 Caracterização do Grindr

A rede de relacionamento Grindr surge em 2009, popularizando-se até hoje entre os usuários LGBTQIAP+ e homens não assumidos homossexuais. Em uma sociedade em que a sexualidade ainda encontra muitos tabus, espaços como estes são essenciais àqueles que preferem estabelecer relações afetivas e sexuais no anonimato para não desqualificar ou deslegitimar a masculinidade, todavia não se pode excluir o fato de que a discriminação e violência sofrida por esse grupo de pessoas são motivos para o acesso ao aplicativo, em uma forma de garantir sua integridade, considerando a tese de que os sujeitos ali são gays ou “curtem” relações com pessoas do mesmo sexo. Essa percepção é ratificada por Miskolci (2013, p. 176), ao estabelecer a seguinte comparação:

[...] a internet tomou o lugar dos antigos guetos urbanos ou o “mito” cultural do “meio” e se tornou passagem quase obrigatória para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos em sua autodescoberta, contatos sexuais ou amorosos e a criação de redes de apoio.

A maioria dos perfis criados nos sites são de homens cis, embora haja homens trans e travestis. É no fragmento textual de apresentação que, considerando o contexto em que são elaborados, surgem as manifestações discursivo-sociais, as quais traduzem os enunciados que abordem as disputas de gênero em aspectos de desigualdades na constituição de um comportamento social que fomenta a busca de um ideal masculino.

Nesse âmbito, observa-se que funcionamentos discursivos são mobilizados para qualificar e desqualificar as preferências, traduzidas em desigualdades as quais Bourdieu (2007) incrementa como disputas discursivo-sociais, em que o gosto nunca é neutro, mas que manifesta uma produção social do “gosto/não gosto”. Logo, uma adesão anterior ao conteúdo discursivo posto na enunciação estimula a legitimação de padrões hegemônicos. Isto quer dizer que, quando privilegia no gosto certos corpos masculinizados, considerando o gosto como simples propensão individual, há a explicitação de uma resultante advinda da construção social que, muitas vezes, ao reforçar uma ideologia hegemônica, reforça também as desigualdades sociais e de gênero (Grohmann, 2016).

A busca pela afirmação de uma masculinidade hegemônica reflete uma hierarquização e uma desigualdade voltadas para o que Foucault (2004) engendra a uma “normalização discursiva”, a qual em ambientes virtuais são reproduzidas. A construção de uma masculinidade legítima, que circulem em enunciados nos ambientes virtuais, carrega consigo sentidos que

tenham marcas as quais incitam nos sujeitos determinadas posturas sociais. Estas, por sua vez, incitam nos sujeitos traços comportamentais mais distantes o possível do feminino, o que leva o tabu da feminilização a um agravamento à instituição da masculinidade. Por esse motivo, a manutenção de um princípio dominante atrela-se à virilidade historicamente marcada pelo comportamento de um homem militarizado, circunscrita também em uma relação homoafetiva. Isso corrobora uma heteronormatividade pautada em uma misoginia e uma homofobia quando constituídas da masculinidade hegemônica que reage contra o estilo “efeminado” (Bourdieu, 2014)

No Grindr, Grohmann (2016) confere um espaço de formação historicossocial, cuja masculinidade é supervalorizada em detrimento da feminilidade ou do “não másculo”. Essa circunstância influencia a sociabilidade entre os usuários da rede, que se utilizam de elementos simbólicos e discursivos atrelados à masculinidade, que tendem a valorizar um corpo másculo. No espaço virtual, a normalização de uma cultura valoriza e reconhece a masculinidade somente em sua forma heterossexual, posta em uma hierarquia dominante diante da feminilidade, embora as relações homoafetivas sejam camufladas dentro das redes, permitindo, assim, suas vivências sem causar prejuízos à sua imagem heterossexual (Miskolci, 2013).

Os usuários da rede apresentam na descrição de seus perfis aspectos que valorizam características que os qualificam diante de potenciais parceiros, o que revela no Grindr um caráter classificatório dos sujeitos perante a seleção de condições mínimas para torná-los apropriados para uma relação sexual ou afetiva. É na descrição desses perfis que os discursos circulantes convergem para a perpetuação de manutenção do poder e da regulação social.

Destarte, Miskolc (2017) discorre sobre a dúplici face da rede social. Ela desvela-se como facilitadora de contatos dentro de uma rede de relacionamento, todavia mantenedora da imagem heterossexual no espaço público, as quais convergem para o interesse da manutenção do sigilo para aqueles que temem a aceitação de identidade homoafetiva. Diante disso, uma vez que o gosto e o prazer em ter relações com pessoas do mesmo sexo seja existente, mas tal deve ser mantida em segredo, suscita-se a interdiscursividade entre sigilo e o discurso da masculinidade.

Como o contato pessoal é uma segunda instância nessa configuração da autoapresentação, o sucesso depende do exposto no enunciado. Muitas vezes, são feitas

afirmações de masculinidades as quais têm referências daquilo que se construiu anterior ao ambiente virtual, o sucesso em um encontro, em determinadas situações, era julgado pelo tom de voz, modo de agir e vestimenta associados ao modo “macho” de ser. Qualquer coisa que se aproxima do feminino é vista como uma forma de denúncia de “ser gay” (Miskolci, 2009).

5 Metodologia

Os dados analisados partem de uma coleta realizada na região metropolitana de Belém, no período de julho a dezembro de 2020, considerando que o aplicativo mostra outros usuários que se encontram mais próximos. Inicialmente, criou-se um perfil para captar outros perfis que apresentavam textos na descrição. Partindo da lógica ética proposta por Grohmann (2016), os perfis analisados não serão identificados, por não interessar a pessoa que usa o aplicativo, mas o sujeito que elabora o enunciado de apresentação, pois este também é produto do discurso e atravessado por uma formação discursiva.

Não houve uma interação com esses indivíduos. Fixamos nossa análise apenas no texto de apresentação, considerando que o ambiente em que são produzidos torna-se condição para a produção de sentido, posto que este deriva da relação entre a formação discursiva e a condição de produção (Pechêux, 2009), voltando-se assim para um discurso que é assumido por um enunciador que se dirige ao interlocutor ou interlocutores, dos quais partem referências pessoais, espaciais, temporais em relação ao tema (Chauredeau; Maingueneau, 2004).

Para a análise discursiva desses enunciados, proporemos 3 percursos interdiscursivos sustentados pela lógica de Maingueneau (1989), possibilitada por meio da configuração das unidades discursivas com as quais um discurso mantém relação. Assim, os dados serão coletados seguindo as seguintes máximas: 1) análise lexical: aqui se deterá um olhar para a seleção dos vocábulos que expressam de forma explícita ou implícita a posição ideológica do sujeito, tendo em vista que o dito parte de um lugar e de uma regulação; 2) percursos semânticos para negação do feminino ou semelhante; 3) análise de aspectos interdiscursivos à afirmação de uma masculinidade homogênea.

Os dados analisados partem da seleção prévia de 25 perfis, sendo estes obedecendo à apresentação de textos descritivos. A apresentação de imagens ou o nome dado ao perfil do

usuário não constituirão elementos de análise, pois não se busca observar os corpos ou o nome dos usuários como materialidade discursiva, considerando as propostas de Cruz (2020). Todavia, emoticons e símbolos são instâncias da linguagem não verbal que podem contribuir para o estudo, além do tratamento discursivo dado à linguagem verbal, o qual se considera o cerne da pesquisa.

6 Análise de discussão

Bourdieu (2014) cogita a sexualidade como uma arena em que o que difere os sexos está compenetrado num complexo de imposições que organizam o ser, o agir e o se relacionar também nos atos sexuais. Esses atos são enaltecidos pela história, dado que a “cultura greco-judaico-cristã valoriza a representação do homem viril, branco, adulto, rico, monogâmico e heterossexual” (Alves 2004, p. 25). No âmbito das apresentações no Grindr, a questão do encontro entre homens para fins sexuais está presente de forma clara, entretanto, condicionadas pelo sigilo, como nos textos de apresentação dos seguintes perfis¹:

(1) - Quero pessoas q curtam no sigilo ã curto afeminados [...]²

(2) - Gosto de curtição no sigilo. Não sou e nem curto efeminados blz. Dotados tem prioridade.

Ao analisar os excertos (1) e (2), percebe-se que dois aspectos estão vinculados: a curtição, a qual se refere a um possível encontro que se restringe ao ato sexual, e o sigilo, sua consolidação na forma da não ciência por outras pessoas. Para indivíduos que buscam manter uma imagem social do homem hétero, o sigilo pode ser fator de atração para usuários, uma vez que garante o sexo casual sem ferir o ser homem para a sociedade, convergindo, assim, para uma manutenção de uma face masculina, assenhorando-se do conceito de face postulado por Goffman (citado por Alves, 2004), em que o sujeito apropria-se de um valor dado como positivo e que, a partir de reações como a de curtir o perfil com esses ditos, dão ao sujeito uma resposta emocional em contato com outros. Além do sigilo, outra escolha lexical recorrente nos enunciados é a descrição, que aqui converge para duas noções complementares para o termo, presente em:

¹ Os textos de apresentação dos usuários serão apresentados em uma ordem crescente enumerados de 1 a 25

² Considerou-se para fins deste trabalho apenas fragmentos do texto, algumas passagens dos textos de apresentação foram desconsideradas em razão da predominância de termos do campo semântico sexual/erótico que não foram objeto de análise. Os enunciados estão descritos conforme publicados pelos sujeitos.

- (3) - Curto caras totalmente discretos como eu sou, não curto afemin mas respeito, [...]
(4) - sou discreto fora do meio, busco somente curtição. Sou ativo tenho fetiches mais tudo dependi de você.
(5) - Sou discreto e prefiro discretos.

As noções dadas para o termo “discreto” referem-se à negação de traços femininos e aceção de que, embora o sujeito relacione-se com pessoas do mesmo sexo, esse comportamento sexual e social não transcenda o imperceptível para os demais sujeitos da sociedade. É interessante pontuar, ainda, que em todos esses perfis há a presença do verbo ser no presente do indicativo. Tal ocorrência sugere uma estratégia discursiva de autoafirmação, cuja prática sigilosa é preferível e intrínseca. Portanto “sigilo” e “descrição” projetam efeitos de sentidos que permitem os interlocutores inferir que uma relação só ocorrerá nessa condição. Nos perfis (6), (7) e (8) percebe-se ainda o sigilo condicionante, conquanto outros discursos estejam implícitos em expressões que suscitam a noção que, fora dos encontros promovidos pelo ambiente virtual, o sujeito mantém uma relação conjugal hétero.

- (6) - [...] Ativo, casado (só no sigilo) [...]
(7) - casado, então tudo tem que ser no mais absoluto sigilo [...]
(8) - Sem foto = sem papo. Macho Bi (tenho namorada) não curto afeminado, sigilo.
(9) - Macho bi procurando diversão no sigilo sem neura.

Em (6) e (7) ressalta-se a questão de existência de uma relação matrimonial, historicamente considerada uma instituição sagrada e importante na manutenção do homem ideal provedor da família, o que torna o princípio do sigilo imprescindível. No texto (7), ressalta-se o uso do adjetivo intensificador “absoluto” associado ao “sigilo”, enfatizando que o contato que possa ocorrer por meio do site deve se manter em segredo. Já em (8) e (9), o sujeito anuncia-se bi (bissexual), naquele enfatiza-se estar namorando alguém do sexo feminino. A bissexualidade se mostrar como uma amenização de uma carga negativa dada à relação homoafetiva para aqueles que ainda possuem conflitos internos quanto à sua identidade de gênero e orientação sexual. Isso se reflete nessa rede social, considerando os indícios implícitos no excerto (8), a relação com mulher se dá em um campo aberto, onde pode ser vivenciada, já as relações homossexuais se dão em espaços de discríção, como o próprio Grindr, ou seja, manter relações com homens é um desejo reprimido pelo sigilo. Grohoman (2016) reflete sobre a invisibilidade do desejo sexual do homem pelo mesmo sexo a partir de sua homo ou

bissexualidade, dado que reproduzem padrões héteros normativos (relacionando-se com mulheres em sociedade) e reprimindo seu desejo sexual (encontros escondidos).


Além disso, nesses enunciados há uma escolha lexical que buscar realçar a dominação. O termo “macho” é utilizado para promover uma característica dominante ao sujeito, ao partir de uma relação com discurso biológico, pois, sob essa óptica, ser homem e ser mulher são descrições naturais, ainda que se considere a visão um entendimento voltado à essência discursiva e não uma descrição natural.

É no discurso que o sigilo estabelece uma relação com o já dito, pois a interdiscursividade com a afirmação e manutenção da masculinidade é intercedida pela privacidade do sujeito ao relacionar-se com o sujeito que partilha da mesma condição comportamental valorizada. Essa relação baseia-se nos enunciados recorrentes que apontam a necessidade de, em sociedade, manter a aparência de uma corporeidade masculina, que dota o homem de privilégios, enquanto o desejo sexual se restringe ao casual e privativo.

Uma outra dimensão dada à possibilidade de encontro, presente nos enunciados, alude à excitação por atributos ditos masculinos. Uma relação interdiscursiva dada à questão do gosto – no site usa-se o termo tesão – como uma idiossincrasia do ser humano apenas para a saciedade do desejo sexual. Além disso, os excertos a seguir evidenciam uma movimentação discursiva voltada à negação da feminilidade em si e no outro, a qual busca disfarçar um preconceito por meio da restrição de um contato cedido pelo prazer na masculinidade, definida como “gosto”.

(10) - Quero cara discreto ativo ou versatil, não curto afeminado.

(11) - [...]  afeminado, [...]

(12) - [...]  afeminados e sobre fotos não pertuba me pedindo já tem a porra do meu rosto ai se contenta blz

(13) - [...] se meu perfil te agradou bora bater um papo! Não curto afeminados questão de tesão.

(14) - [...] Sou um cara normal, sem muita formalidade e procuro caras do mesmo jeito. Não sou e nem curto afeminados, questão de tesão mesmo. [...]

(15) - Sou ativo, chamou, [...] Nada contra, não sou e nem curto afeminado, é so uma questão de atração mesmo. [...]

(16) - So curto no sigilo, com discretos e maiores de idade! Nada contra os afeminados mas não sinto tesão. [...]

(17) - Nada contra, porém não curto afeminado. Gosto de magrelo, discreto, passivos.

³ Símbolo utilizado no próprio site. Essa linguagem fez-se importante na análise dos dados, pois suscita efeitos de sentidos pertinentes à análise.

(18) – [...] não descarto pessoas só não curto trans afeminados não curto mulher então não sinto tesão em pessoas femininas a não ser para amizade desde agradeço sou maduro.

Nos perfis acima, há uma negação implícita ao comportamento feminino presente em homens – os efeminados –, sendo o traço sinônimo da rejeição no site, que ora surge por meio da linguagem verbal, como em (10), ora da linguagem não verbal indicada pelo sinal de proibição em (11) e (12). Essa linguagem indica uma prática discursiva, a qual provoca nos interlocutores uma autoavaliação de sua conduta (ser efeminado). Essa rejeição do feminino é mediada pelo discurso do sentir prazer em um corpo ou comportamento masculinizado, em que os efeitos de sentido são propostos pelo “tesão” e “atração”.

Observa-se em (13) a negação da feminilidade no outro, cujo argumento é a imposição dada pela atração, pelo gostar, pelo afeiçoar-se sexualmente. Além da negação no outro, há uma negação em si, pressuposta em (14) e (15). Essas ponderações suscitam efeitos de sentidos em que o corpo masculino, para uma relação afetiva ou sexual, não deve conter resquícios de feminilidade, ainda que em (15), (16) e (17) tenta-se negar essa rejeição pela ideia de que o enunciador não possui qualquer antipatia por esses sujeitos, todavia essa convicção se contradiz, uma vez que a questão do não ter nada contra afeminados é anulada pela utilização da conjunção adversativa, nos perfis (16) e (17), que introduz a ideia do “tesão” como um amenizador do discurso de rejeição ao feminino. Essa leitura remete a uma violência simbólica mais evidente em (18), já que se colocam o sexo feminino, o comportamento feminizado ou o que se assemelha como subalterno. Põe-se, nesse contexto, um parâmetro para relacionar-se e a necessidade sexual, posto que se enuncia outras razões para o contato com pessoas afeminadas.

Nesses enunciados, é interessante pontuar que a afirmação da masculinidade é antecedida pela negação do feminino, dado que, ainda no excerto (18), há um discurso que ratifica uma estigmatização com pessoas trans, reafirmando um percurso para este trabalho, em que a prática de uma violência, instituída no âmbito social, ganha espaço no meio virtual através da violência simbólica, embora estejam em um site no qual pessoas partilham de mesmos objetivos. Outrossim, há a negação de uma identidade homoafetiva também silenciada pelo “tesão” e “atração, porém não relacionada à identidade de gênero e orientação sexual, uma vez que se nega o feminino e exige-se sigilo.

Como visto, a negação à feminilidade apresenta-se com certa regularidade nos excertos, propondo um sistema de hierarquização, tal qual identificado por Grohman (2016), em vista da negação do outro. Nesse caso, há uma rejeição ao feminino, e esta aponta para um sexismo em que a inferiorização e delimitação de contato é estabelecida pelo gênero sexual oposto ou aquilo que se aproxime dele. Isso implica dizer que se afirmar feminino em sociedade põe o sujeito em um lugar de inferioridade (sexismo) e se afirmar másculo o coloca em lugar de poder e fornece privilégios ao sujeito.

Além disso, há construções irônicas nos comportamentos feminino e situações do cotidiano:

(19) – Afeminado so quando vejo uma barata

O texto aborda um discurso de fragilidade dado à conduta feminina diante de um inseto. Essa fragilidade, historicamente instituída, contrapõe-se à força infrangível do homem. E essa relação interdiscursiva propõe uma afirmação implícita de uma masculinidade. Essa conjuntura evidencia o contraste que Alves (2004, p. 9) discorre ser uma “convenção masculina, o homem forte não chora, nem deixa transparecer fragilidade. Em contraposição, a mulher, por ter menos força física, passa a ser vista como o oposto de tudo isto”.

Ademais, há evidências em outros enunciados de um transcurso da violência simbólica para um discurso de efeitos de sentido mais opressivo e coercitivo:

(20) - Tenho paciência não viu. Afeminados façam o favor de não chamar ok?

(21) - Se for efemeninado, não chama! [...]

(22) - Mano, se tu disser que não é afeminado e quando for me encontrar tu fores, vais passar vergonha, pois não vai rolar nada, ainda mais mandando fotos fakes.

A “paciência” em (20) é direcionada para rejeição, podendo resultar em um tratamento opressivo que se ratifica pela pergunta retórica implicada no termo “viu”, voltada, ainda, para a inibição de uma atitude por parte do interlocutor de não iniciar um diálogo por meio da expressão “não chamar” expresso também no excerto (21). Chama-se atenção para o texto do usuário (22), pois o discurso estabelece relação com a violência, desta vez a violência psicológica, dado que materializa uma ameaça àquele que omitir traços de feminilidade e que, por sua vez, deixa indícios que a omissão pode resultar também em uma violência física, pois a clareza da rejeição ao feminino tem um tom ameaçador. Além disso, é válido pontuar que traços femininos não são recorrentes em perfis, diferente da masculinidade que é firmada e

reafirmada nos textos de apresentação. Essa conjuntura permite observar que a feminilidade em homens é altamente estigmatizada.

Os caminhos traçados pela recusa de traços femininos a negação de si e no outro de comportamentos ditos femininos convergem para uma afirmação da masculinidade. Por esse motivo, retoma-se o excerto (15) para elucidar a expressão “sou ativo” presente também em (23):

(15) Sou ativo, chamou, [...] Nada contra, não sou e nem curto afeminado, é so uma questão de atração mesmo. [...]

(23) Sou ativo, gosto de comer H discreto! [...] tudo no mais alto absoluto sigilo!!! Não curto AFEMINADOS. AFEMINADOS 🚫 Sigilo e descrição.

Nesses excertos, os sujeitos recorrem a autoafirmação da condição do ser ativo como uma indicação da preferência sexual. Cabe ressaltar que ser ativo na relação sexual está para a noção de dominante – aquele que penetra, enquanto ser passivo, o dominado, o que é penetrado. No contexto, considerando ainda as proposições colocadas até aqui, ser ativo aparece como um fator de superioridade, de dominação, que nos permite relacionar com a noção do “macho” presente no discurso biológico que hierarquiza tanto os sexos biológicos quanto seus papéis sociais e sexuais.

Contrapondo-se às condições que forjam estigmatizações, usuários buscam ressaltar em si, como já visto, uma identidade que fuja da marginalização imposta pela sociedade a certos grupos sociais, e, ao exaltar certos atributos, outros tornam-se menos aparentes para determinar o sujeito a partir de suas especificidades ou modo de ser/agir como poder ser ver nos textos:

(24) - Sou um cara carinhoso, mas não beijo na boca, gosto quando pegam [...]

(25) - Cara discreto, reservado e sem trejeitos! Voz, postura e aparência de Macho. Estilo hétero! Curto com semelhantes.

Em (24) o enunciador deixa claro que, ainda que haja troca de carícias durante o encontro, o contato oral entre os usuários não ocorrerá. Essa atitude pode ser uma tentativa de se distanciar de ações de reconhecimento enquanto homossexual. Essa prática é recorrente entre pessoas que buscam manter no sigilo suas vivências homoafetivas, denominando-as de *broderagem*⁴. Nesse sentido, pode-se inferir que os sujeitos buscam suscitar nos interlocutores

⁴ O termo surge da referência ao termo “brother”, designado como a parceria entre homens. No ato sexual, a *broderagem* refere-se ao ato sexual comum entre gays, mas praticado entre homens ditos héteros.

uma noção de si mesmo no sentido de “pratico sexo com homens, mas não sou gay”, uma vez que se rejeita ações que tornem inquestionável a homossexualidade em si, nesse caso o fato de beijar pessoas do mesmo sexo, e essa tentativa de negar ajuda a manter o “ser homem”.

Embora até aqui haja a negação do feminino, no perfil (25) são expressos de forma clara traços que valorizam a conduta masculina e a privacidade destinada à manutenção de uma face do homem viril, ou seja, neste encontram-se em evidência e expressamente valorizados, por meio de termos, até pejorativo, como “macho”, discreto (sigilo) e trejeitos (afeminados). Logo, evidencia-se que os aspectos elucidados nos perfis podem ser claramente observados no perfil (25), o qual valoriza o homem hétero tanto em si quanto no outro, uma vez que o enunciador deixa inquestionável que busca no site o “semelhante”.

7 Considerações finais

O Grindr comporta-se como um espaço cuja relações o caracterizam como uma comunidade discursiva. Por isso, é evidente uma regularidade voltada para a manifestação de uma afirmação da masculinidade que está ligada à negação do feminino e à preservação de sua face por meio do sigilo. Logo, a investigação proporcionou caminhos que levaram à identificação de uma normalização discursiva que perpetua a dominação e o poder dado ao homem na perspectiva da identidade de gênero nos atos sexuais, além de restringir a prática sexual ao gosto, como algo natural do ser, e a satisfação do desejo carnal.

Outrossim, pôde-se concluir que há um silenciamento da relação homoafetiva que se expressa pela necessidade dessas relações se sucederem em absoluta confiança somada a negação dos traços femininos. Conjuntura que ratifica um percurso histórico de repressão e cerceamento do desejo pelo sujeito do mesmo sexo. Essa é uma contradição que se buscou questionar, dado que o site destinado aos homossexuais reproduz segregações de gays por suas características comportamentais, transpondo a violência dos ambientes físicos para os virtuais. A problemática provocada neste trabalho incitou a reflexão de que, um site no qual se deveria prevalecer a liberdade e o livre arbítrio das relações homossexuais, perpetua-se uma prática discursiva em que valoriza e idealiza atributos masculinos, enaltecidos culturalmente, fomentando, assim, os privilégios do homem hétero em uma sociedade que busca a igualdade social.

A análise permitiu entender também que o Grindr pode ser concebido como uma “válvula de escape” das violências sofridas pela comunidade LGBT que é cerceada do direito à liberdade de manifestar afeto ao seu parceiro em ambientes públicos, todavia reproduz a repressão à comunidade no ambiente virtual, uma vez que essa prática relaciona-se discursivamente com o sexismo e a homofobia, pois a negação do comportamento feminino e a sua rejeição, algumas vezes, apresentam-se acompanhadas pela violência simbólica e psicológica.

Sendo assim, o Grindr suscita a perpetuação desses discursos e das práticas sociais segregadoras, pois no site se estabelece formas de produção, difusão e consumo desses discursos. Essa prática discursiva presente no ambiente virtual funciona como ferramenta de omissão da homossexualidade, inferiorização da feminilidade, estigmatização de gays e a manutenção da autoimagem do homem hétero que perpassa a afirmação de uma masculinidade em si e no outro, devendo ser confrontada, pois mostra-se o cerne da violência aos grupos marginalizados.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo II**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas: Editora Unicamp. 2002.

CRUZ, Marcos da Silva. Masculinidades e discrição em aplicativo de relacionamento: discursos sobre identidades homossexuais masculinas. **Revista interdisciplinar em estudos de linguagem**, v. 2. n. 2, p. 1-19 2020.

GOFFMAN, Erving. A Elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.) **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 76-114, 1980.

GROHMANN, Rafael. Não sou/não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. **Sessões do Imaginário**, v. 21, n. 35, p. 70-79, 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.1>.

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas-SP, 3. ed. Pontes, 1997.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 301-324, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016>.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado**: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da Internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

MOURA, Murilo Coelho. **“Não queremos que se sinta assim! Vamos te ajudar!”: práticas discursivas nas interações entre empresas e consumidores no Facebook**. Dissertação (mestrado em linguística – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018).

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Roco, 1993.

OLIVEIRA, A. Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação. **Educação Unisinos**, v. 17, n. 3, p. 271-280, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/1264>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

ORLANDI, Eni. Formação ou capacitação: duas formas de ligação sociedade e conhecimento. In: FERREIRA, Ezequiel; ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Discursos sobre a inclusão**. Niterói: Intertexto. 2014.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscila. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galáxia: revista interdisciplinar de comunicação e cultura**, São Paulo, Ed. 26, 239-254, 2013.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma construção teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomás Tadeu (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 29-46, 2000.

Recebido em: 04.11.2023

Aprovado em: 14.05.2024